

# vida literária

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

NÚMERO 103

## Os Portugueses tiveram uma cultura essencialmente visual que hoje não existe — segundo Almada Negreiros

Ao iniciar uma conversa com Almada Negreiros e sobretudo se a destinarmos a uma publicação, parece-nos da maior importância partir do princípio de que aquilo que vai ser transmitido ao público não pode ser de algum modo tudo o que ele nos disse. E' essa a razão por que o que a seguir se escreve não é exactamente uma entrevista, mas de certo modo uma reportagem de um encontro que tivemos com Almada Negreiros. Já conhecíamos, de oportuna publicação na Imprensa, os principais pontos do seu trabalho e é essa a razão por que não nos disporemos aqui a publicar de novo essa matéria a não ser nos seus pontos de interesse mais directo. Numa questão já tão fatigada pelas investigações várias, dehrantes umas, bem intencionadas outras, só um homem que sempre esteve presente na história da cultura portuguesa do nosso tempo levou a cabo uma proposta — antes, uma afirmação do que se tem chamado a «Questão dos Painéis». Foi ele Almada Negreiros.

### «A única solução para o problema é de ordem plástica»

Falando-nos sobre a evolução do seu trabalho, Almada referiu-se aos primeiros dados nos quais se baseou para prosseguir no estudo que concluiu há pouco.

— E' evidente que, como já disse muitas vezes, a única solução para esta questão era uma solução plástica.

Quando deparámos com as composições e montagens fotográficas que Almada tem no seu «atelier», pareceu-nos que estávamos de facto na presença de um problema de «conhecimento». E disse fomes esclarecidos.

### Síntese de uma tese

E' de facto esse o aspecto mais importante deste trabalho, é mesmo um ponto que o ultrapassa sob todos os aspectos. Através da linguagem do quadrado, relação nove/des ou pintar o sete, Almada Negreiros reconstituiu a obra-prima da pintura primitiva portuguesa, demonstrando assim a existência de um valioso património plástico nacional.

Em 1916 encontrou Almada a largura

relação da tábuca «ECCE altura

HOMO», contemporânea dos painéis que inicialmente definia em 2/3 nos quais ficavam sobrepostos os duplos quadrados de cada 9.

Posteriormente encontrou que a corda junto da personagem principal dos painéis traça um esboço do mapa de Portugal, ao mesmo tempo que determina que o lado maior do painel forma

### FERREIRA DE CASTRO foi convidado para a Academia da Bélgica

Ferreira de Castro, o famoso romancista cuja obra adquiriu ampla projecção mundial, distinguido com elevadas e expressivas homenagens em vários países, especialmente no Brasil e em França, recebeu, agora, de Bruxelas, o honroso convite para fazer parte da Academia da Bélgica (Academia Real de Língua e Literatura), que inclui entre os seus pares, ou dela têm feito parte, escritores estrangeiros da estirpe de Colette, François Mauriac ou Jean Cocteau.

Em solene sessão publica, no próximo Outono, celebra-se a recepção ao consagrado autor de «A Selva», cujo elogio seria feito pelo presidente da Academia, o escritor Constant Burleaux.

Sabemos, contudo, que Ferreira de Castro, embora sensibilizado e grato pela honrosa distinção, a qual se reflecte em prestígio para a Literatura portuguesa, declinou o convite, em coerência com um princípio mantido pelo grande escritor e que o tem levado a não aceitar outros convites de notáveis e similares corporações.

com a vara na mão da figura aureolada e angulo do duplo quadrado.

Encontrou a seguir entre outros dados que, nas dalmáticas da figura aureolada se desenham duas maiúsculas, por meio das quais foi possível reconstituir o todo da obra e se recuperam partes que tinham sido mutiladas, e que a vara na mão da personagem com a dalmática é o módulo geométrico do todo da obra do autor dos painéis na capela do fundador do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha.

Qualquer destas anotações foi essencial nas conclusões a que mais tarde chegou.

### «A nossa cultura reduz-se a um conhecimento livresco»

Fundamentalmente Almada demonstrou muito para além das revelações imediatas, a importância e o valor da cultura portuguesa do tempo dos painéis.

A cultura portuguesa desse tempo foi importantíssima. Os Portugueses tiveram uma cultura essencialmente visual, cultura essa que se perdeu porque ho-

je Portugal é o país, visualmente, mais mal educado do Mundo. Hoje a nossa cultura reduz-se a um conhecimento livresco no pior sentido do termo.

### «O nosso modo de ser português escapa a toda a erudição»

Ao proferir estas palavras lembramo-nos de todo o seu esforço desde jovem em comunicar aos Portugueses a linguagem da nossa pintura. Numa das suas publicações escreveu:

«Gente universal que chega primeiro ás terras, e não primeiro o cônsul e sua tropa; o seu e nosso modo de ser português, de contar ao português o que é ser português, escapa a toda a erudição, fosse esta apenas nossa, e é cultura universal legítima. O unico povo feito inteiro para a cultura universal foi o Grego, e é o unico a quem o nosso Camões chama forte. A herança do Grego fizeram-na Portugueses, em casa e no Mundo. Mas se algum povo, fale ele português, quiser tirar lição da nossa universalidade, aprenderá talvez a encontrar primeiro outra que seja entã a sua, como português sucedeu a Grego. Em toda a parte há gente de dar a vida onde o acaso ou ela mesma se tenha metido; mas não em que outros a tenham metido; gente de estas ambas as maneiras, ancestralmente».

### As quatro figuras centrais da História da Cultura portuguesa E declarou-nos:

— Porque Portugal possui na história da sua cultura quatro figuras importantíssimas: Fernando Lopes, o Autor dos Painéis; Pedro Nunes e Camões.

(Continua na última página)



Pintura de Tagarro

## O significado de «Servição Humano» romance autobiográfico de Maugham

por LAURENCE BRANDER

Uma das distrações de Somerset Maugham é ler obras de filosofia, e por acaso andava a ler Spinoza quando escreveu o seu extenso romance autobiográfico. Declarou: «Quando cheguei à parte do seu grande livro que se intitula «Servição Humano», pareceu-me impossível encontrar coisa que melhor me conviesse. Disseram-me que era um título demasiado austero para um romance, mas teimei na minha escolha». Modernamente dir-se-ia «A Condição Humana», e o romance

prende-se com a velha e familiar procura do sentido da vida. A personagem que descobriu o segredo é um poeta. Estando o poeta e o herói sentados um dia num restaurante de Paris, a beber café, surgem dois Levantinos que andam por entre as mesas a vender tapetes. O poeta diz: «Já esteve no Museu de Cluny?» Ai encontrará tapetes persas das cores mais requintadas e com padrões cuja bela complexidade deleita e espanta o olhar. Neles verá o mistério e a beleza sensual do Oriente, a voz de Hafiz e a taça de vinho de Omar; mas dentro de algum tempo verá mais do que isso. Perguntava você agora mesmo qual é o significado da vida. Vá e contemple esses tapetes persas, e qualquer dia ocorrer-lhe-á a resposta».

Mais adiante na narrativa, quando o poeta está a morrer, envia ao herói um pedaço de um tapete persa, lembrando-lhe que encerra a resposta à pergunta que todos fazemos:

«Qual é o sentido da vida? Durante muito tempo o herói procura decifrar o enigma. Afinal, o que é que o padrão daquele tapete tinha de especial? Por fim, compreende. Quando se vê muito pobre, reduzido a trabalhar numa loja de Londres, sofrendo principalmente por não lidar senão com gente estúpida, vazia, ordinária, o seu unico prazer e recreio é ir ao Museu Britânico. Ai, senta-se um dia diante de umas esculturas gregas funerárias, antigas. «Havia uma pedra que era muito bonita, um baixo-relevo de dois homens novos de mão dada; a reticência dos traços, a simplicidade, fazem-nos pensar com agrado que o escultor fora tocado por uma emoção sincera. Era um monumento requintado a algo comparado com o qual o Mundo só oferece uma coisa mais preciosa, a amizade».

Naquele instante lembrou-se do seu amigo poeta e do pedaço de tapete, e, por fim, viu o seu significado. «A resposta era óbvia. A vida não tinha significado... Não havia significado na vida, e o homem, ao viver, não servia qualquer propósito. Nascer ou não nascer, viver ou deixar de viver, era a mesma coisa. A vida era insignificante, e a morte não tinha importância. Vem depois uma frase que é essencialmente típica de Somerset Maugham: «Assim como o tecido de senhava o seu padrão apenas para

prazer do seu sentido estético, assim também poderia um homem viver a sua vida, ou, se o indivíduo se vê forçado a crer que as acções se situavam fora da sua escolha, assim poderia um homem contemplar a sua vida e ver que formava um padrão». Somerset Maugham sempre se orgulhou de, no decurso dos seus sessenta anos de escritor, formar e completar um padrão.

«Servição Humano» constitui um trecho esplendoroso desse longo padrão. Maugham escreveu pela primeira vez um romance autobiográfico.

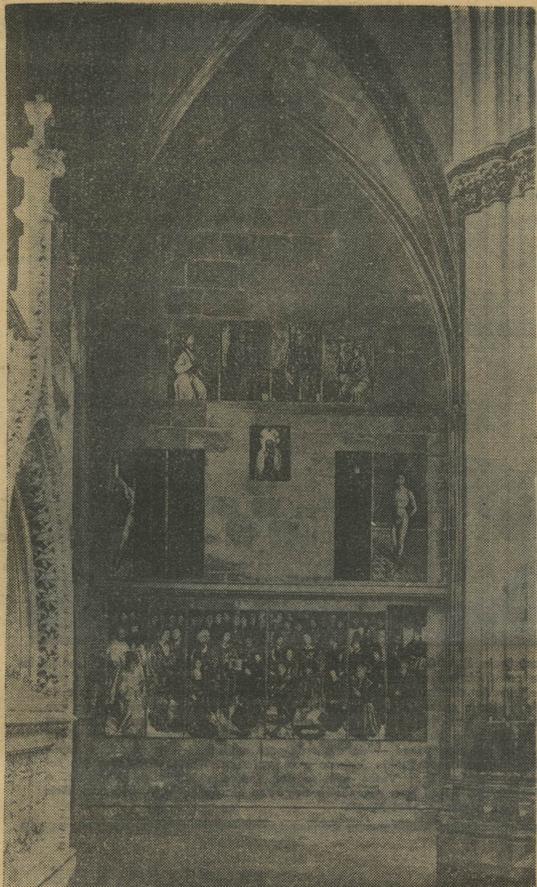
(Continua na última página)

## A Inglaterra de 1815 era bonapartista

O historiador inglês Ralph Korrngold publicou «The last years of Napoleón», livro que provocou grande agitação em Londres e em Paris. Segundo Ralph Korrngold a moral e a História exigiam a vitória de Napoleón em Waterloo. Afirma o historiador britânico que em 1815, quando da queda do Corso, a maioria do povo inglês era bonapartista. Reconhece ainda que Hudson Lowe, o carcereiro de Napoleón em Santa Helena, onde o imperador foi rodeado de uma vigilância dolorosa e doentia, era um doente mental, um paranoico. Comentando ironicamente as teses de Ralph Korrngold, Paul Guimard, na sua secção «Journals», do «Arts», propõe que os historiadores franceses, retribuindo a gentileza do seu confrade inglês, afirmem ter sido razoadel e justo o conde Warwick, quando enviou Joana d'Arc para toqueira.



O «atelier» de Almada foi invadido por composições e montagens fotográficas que são consequência de largos anos de trabalho e baseiam as teses do artista e investigador sobre os Painéis



Almada afirma ter sido esta a disposição dos Painéis na Capela do Fundador do Mosteiro da Batalha

## Almada e os Painéis

(Continuação da 1.ª página)

A um dos aspectos extremamente interessantes desta questão referiu-se Almada falando-nos do conhecimento que havia nessa altura das bases mais ortodoxas da arquitectura gótica que presidiu à construção do Mosteiro da Batalha.

— A disposição dos painéis chamados de Nuno Gonçalves e da Escola de Nuno Gonçalves está perfeitamente certa com a

construção geral do mosteiro. Verificou Almada Negreiros que a luz na composição pintada é conforme a luz que entra pelas três janelas de cada uma das paredes da capela. Verificou ainda que uma janela mais próxima da composição e mais alta que as cabeças dos personagens faz incidir uma luz horizontal ao painel «Ecce Homo» igual à que o autor pintou nessa tábuca.

MANUEL LUIS BATOREO

## Colóquio

REVISTA DE ARTES E LETRAS (BIMESTRAL)  
IMPRESSA COM TEXTO E FOTOGRAVURA A PRETO E A CORES

DIRECTORES:

Artístico: REYNALDO DOS SANTOS

Literário: HERNANI CIDADE

Gráfico: BERNARDO MARQUES

NÚMERO 9

COLABORADORES: ARTES

LOUIS RÉAU, MANUEL MENDES, J. M. DOS SANTOS SIMÕES, ALAN BOWNESS, JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, FERNANDO PAMPLONA, ARTUR MACIEL, MARIO DE OLIVEIRA

COLABORADORES: LETRAS

M. ANTÓNIO, CARLOS EDUARDO DE SOVERAL, LUIS DE SOUSA REBELO, ANTONIO RAMOS ROSA, JEAN GIROUDON, JOSÉ RÉGIO, JACINTO DO PRADO COELHO, GERARD MOSER, LÚCIO CRAVEIRO DA SILVA, HELENA CIDADE MOURA, OSCAR LOPES, HERNANI CIDADE, LUIS A. DE OLIVEIRA RAMOS, JOSÉ MARINHO.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

A venda em todas as livrarias do País e no «Diário de Notícias» (Chiado e Rossio)

Empresa Distribuidora: E. N. P.—Aven. da Liberdade, 266—Lisboa

## ESCAPARATE

(De 5 a 12 de Julho)

Título — «Terras saudosas»  
Autor — José Crespo.  
Capa — Martins da Costa.  
Género — Poesia.  
Editora — Revista «Lusíada».  
Número de páginas — 80.  
Preço — 20\$00.

Título — «Santa Apolónia»  
Autor — Paiva Boiêo.  
Género — Estudo.  
Número de páginas — 150.  
Preço — 70\$00.

Título — «Os desertores»  
Autor — Augusto Abelaira.  
Capa — António Ramos.  
Género — Romance.  
Editora — Bertrand.  
Número de páginas — 226.  
Preço — 25\$00.

Título — «A figura e a obra do Infante D. Henrique»  
Autor — Francisco Fernandes Lopes.  
Género — Ensaio histórico.  
Editora — Portugalã.  
Número de páginas — 170.  
Preço — 25\$00.

Título — «O Infante D. Henrique e a civilização ocidental»  
Autor — Francisco Mendes de Brito.  
Género — Estudo.  
Número de páginas — 24.  
Preço — 10\$00.

Título — «Princípios de doutrina neo-libertistas»  
Autor — Conde Stuckey de Quay.  
Género — Estudo.  
Editora — Bertrand.  
Número de páginas — 244.  
Preço — 25\$00.

Título — «A grande senhora»  
Autor — Konrad Richter.  
Tradução — Veiga Pereira.  
Género — Romance.  
Editora — Ulisseia.  
Coleção — «Sucessos Literários».  
Número de páginas — 206.  
Preço — 20\$00.

Título — «Uma época no Inferno»  
Autor — Artur Rimbanal.  
Tradução e prefácio — Mário Cesariny de Vasconcelos.  
Editora — Portugalã.  
Coleção — «Documentos Humanos».  
Número de páginas — 120.  
Preço — 25\$00.

Título — «A escada de ferro»  
Autor — F. Rodriguez.  
Tradução — Daniel Cardigos.  
Editora — Ulisseia.  
Coleção — «Documentos do Tempo Presente».  
Número de páginas — 220.  
Preço — 30\$00.

Título — «Os nossos avós gauleses»  
Autor — André Chanson.  
Tradução — Fretas Leça.  
Editora — Portugalã.  
Coleção — «Livros de Bolso».  
Número de páginas — 132.  
Preço — 15\$00.

Título — «Escola de chefes»  
Autor — G. Courtois.  
Tradução — Fernando Ferraz.  
Editora — L. S. Pedro.  
Coleção — «Ecléxia».  
Número de páginas — 126.  
Preço — 20\$00.

COLEÇÃO DE AUTORES PORTUGUESES

ACABA DE SAIR:

## OS DESERTORES

romance

de AUGUSTO ABELAIRE

«A mais completa revelação de romancista dos últimos tempos» MÁRIO DIONÍSIO

Esc. 25\$00

LIVRARIA BERTRAND

EDITORES **ÁTICA** LIVREIROS

Apresentam o novo romance

«A VELHA E O BARCO»

DE ERNESTO LEAL

Prémio «ÁTICA»

R. Alexandre Herculano, 17-A Telef. 52656 LISBOA

## O significado de «Servidão Humana»

(Continuação da 1.ª página)

fico em 1897, o ano em que foi publicado o seu primeiro romance «Liza of Lambeth». Nenhum editor se interessou por esta obra, e o au-



SOMERSET MAUGHAM

tor arquivou o manuscrito. Nos dez anos que se seguiram publicou outros romances que não obtiveram grande êxito, mas, de súbito, tornou-se famoso como dramaturgo. Em 1908 tinha simultaneamente

## Marguerite Duras entre a literatura e o cinema

Marguerite Duras, a autora do «Moderato Cantabile», do qual Peter Brook tirou um filme, interpretado por Jeanne Moreau, premiada em Cannes, publicou «Dix heures et demie du soir en été». Entrevistada para um semanário francês, Marguerite Duras afirmou:

- O meu último livro é um romance climático. Não é uma obra silenciosa, como «Moderato». É o resultado da lição de Alain Resnais.
- As situações que descrevo são ambíguas e inextricáveis.
- Preparei um filme com Gérard Jarlot. Título: «Une aussi longue absence». É o drama daquela mulher de Aubervilliers, que julgou ver passar na rua o seu marido, um antigo deportado de Buchwald, agora amnésico.
- Escrever é extremamente doloroso para mim. Gosto muito de emendar a minha prosa.
- Na medida em que as minhas personagens marcam condições sociais definidas e se chocam os meus livros revelam preocupações políticas.

quatro peças em cena em Londres. «Para aquele tempo, eu estava a fazer muito dinheiro, e os gerentes nem esperavam que eu escrevesse o último acto da minha nova peça para contratar o elenco». No entanto, Maugham pôs tudo isso de parte.

O romance autobiográfico continuava a perseguir-lo. Sentia dentro de si um impulso irresistível para exprimir através dum romance extenso as suas convicções e as suas experiências. Esse romance levou-lhe dois anos a escrever e foi publicado em 1915.

O final não é muito triste. Durante grande parte da narrativa o herói vai encontrando personagem após personagem cuja vida é triste, vazia, destituída de significado. Tudo é oco, vão. Depois encontra por acaso a família de um escritor, Athelny. Além disso, uma herança permite-lhe estudar medicina. Com estas duas coisas Maugham entretece um padrão de felicidade que não lograra encontrar na vida real e que é provavelmente o melhor que o Mundo tem a oferecer. O herói sai médico e casa-se com uma rapariga simpática, passando a exercer clínica numa aldeia e consagrando a existência a minorar o sofrimento e a ansiedade de camponeses simples, gente sem importância. Casa-se com Sally, a filha mais velha da família Athelny. A libertação da servidão humana reside no espírito e conduz à beleza e aos sonhos da vida romântica.

Este romance tem muitos outros aspectos prazenteiros. A infância do herói em Kent é em parte autobiográfica e relatada com beleza; a sua vida entre os artistas de Paris na juventude é cheia de seiva e divertida. Assim se chega aos campos de lupulo de Kent e ao final romântico. «Servidão Humana» é o que sempre foi, o romance que Maugham espera viver, se bem que não o seu favorito, pois disse certa vez: «Que pena eu ter escrito «Cakes and Ale» (Destino dum Homem): Gostaria de o ler esta noite ao ir para a cama...» Há muitos leitores que consideram «Cakes and Ale» o seu melhor romance, mas a tentativa mais séria de Somerset Maugham é «Servidão Humana», um romance que ainda tem muito para nos dizer.



a grande  
Senhora

de Conrad Richter

Uma história  
do velho oeste  
em que  
a figura de uma mulher  
domina  
toda a acção



editora ULISSEIA